



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS

MILENA BARBOSA DE LIMA

**A MANIPULAÇÃO DA MÍDIA COMO FORÇA MOTRIZ DO CONTROLE SOCIAL
EM 1984 DE GEORGE ORWELL**

CAMPINA GRANDE

2021

MILENA BARBOSA DE LIMA

**A MANIPULAÇÃO DA MÍDIA COMO FORÇA MOTRIZ DO CONTROLE SOCIAL
EM 1984 DE GEORGE ORWELL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – habilitação em Língua, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Me. Giovane Alves de Souza.

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732m Lima, Milena Barbosa de.

A manipulação da mídia como força motriz do controle social em 1984 de George Orwell [manuscrito] / Milena Barbosa de Lima. - 2021.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Giovane Alves de Souza ,
Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

1. Discurso. 2. Mídia. 3. Poder. I. Título

21. ed. CDD 401.41

MILENA BARBOSA DE LIMA

A MANIPULAÇÃO DA MÍDIA COMO FORÇA MOTRIZ DO CONTROLE SOCIAL EM
1984 DE GEORGE ORWELL

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – habilitação em Língua, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 19/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Giovane Alves de Souza. (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 9,0



Prof. Me. Joselito Porto de Lucena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA: 9,0



Prof. Me. Valécio Irineu Barros
Universidade Estadual da Paraíba

NOTA: 9,0

MÉDIA FINAL: 9,0

“O discurso controla mentes e mentes controlam ação. Isso significa que, para aqueles que estão no poder, é crucial controlar, em primeiro lugar, o discurso” (van Dijk, 2008, p. 18).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	PODER SILENCIOSO E A DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS	7
2.1	Eis que surge o Discurso, uma ferramenta de manipulação	9
2.1.1	<i>Mídia, o fantoche da elite</i>	10
3	A MANIPULAÇÃO DA MÍDIA COMO FORÇA MOTRIZ DO CONTROLE SOCIAL EM 1984	12
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	20

A MANIPULAÇÃO DA MÍDIA COMO FORÇA MOTRIZ DO CONTROLE SOCIAL EM 1984 DE GEORGE ORWELL

THE MANIPULATION OF THE MEDIA AS A DRIVING FORCE OF SOCIAL CONTROL IN 1984 BY GEORGE ORWELL

Milena Barbosa de Lima*

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo geral de analisar a relação entre mídia e poder na sociedade do livro *1984* do autor George Orwell. Especificamente, pretende-se (i) evidenciar definições e características dos regimes totalitários e sua busca pelo poder; (ii) apresentar e discutir conceitos da análise do discurso que podem auxiliar na compreensão do discurso midiático e totalitarista; e (iii) identificar e refletir sobre as consequências da relação entre mídia e poder na obra em questão. Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, alinhando-se aos tipos descritivo e documental e tem como corpus a obra *1984* que foi escrita pelo romancista britânico George Orwell. Como aparato teórico que norteia a nossa análise, utilizaremos as contribuições da filósofa Hannah Arendt (1989), a fim de compreender as origens dos regimes totalitaristas e suas características; do polímata Michel Foucault (1999), que subsidia a pesquisa com contribuições acerca do modo de funcionamento do poder nas sociedades, como também, com as suas colaborações nos estudos do discurso; do linguista Teun A. van Dijk (2008), contribuindo para entendermos sobre as relações de poder estabelecidas via discurso, dentre outros autores. Na análise, foi possível perceber que o poder disciplinar, o controle sobre os corpos, a manipulação do discurso público e da mídia são responsáveis pelo controle social em *1984*.

Palavras-chave: *1984*. Mídia. Discurso. Poder.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the relationship between media and power in the society of the book *1984* by the author George Orwell. Specifically, it is intended (i) to show definitions and characteristics of totalitarian regimes and their search for power search; (ii) to present and discuss discourse analysis concepts that can support us in understanding the media and totalitarian discourse; and (iii) identify and reflect on the consequences of the relationship between media and power in the work in question. This research has a qualitative approach, in line with the descriptive and documentary types, and has as *corpus* the work *1984* that was written by the British novelist George Orwell. As theoretical apparatus that guides our analysis, we use the contributions of the philosopher Hannah Arendt (1989), to understand the origins of totalitarian regimes and their characteristics; of the polymath Michel Foucault (1999), which subsidizes the research with contributions about the way power works in societies, as well as with his collaborations in discourse studies; and also of the linguist Teun A. van Dijk (2008), contributing to understanding the power relations

* Graduanda em Letras – Inglês, pela Universidade Estadual da Paraíba.
milena@outlook.com

established through discourse, among others authors. In the analysis, it was possible to notice that the disciplinary power, control over bodies, the manipulation of public discourse and of the media are responsible for social control in *1984*.

Keywords: *1984*. Media. Discourse. Power.

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da comunicação escrita, as pessoas puderam ter acesso às informações que antes eram apenas transmitidas oralmente. Historicamente, o surgimento da escrita foi um marco para humanidade em virtude de que a maneira de retratar a história mudou completamente. Surgiram os meios de comunicação, como o rádio e a televisão, que foram os principais veículos de distribuição das notícias, adquirindo, então, um forte poder influenciador. A distribuição de informação torna-se, portanto, responsável por mudar a forma de pensar e agir das pessoas.

Posteriormente ao surgimento do rádio e da televisão, surge a internet. Conforme Bernays (1928), esses, entre outros meios de comunicação, chamados de grande mídia, ficam responsáveis por orientar a sociedade. Em outras palavras, a mídia passa a funcionar como um elemento fundamental para a propagação de um modelo de representação social, que uni direciona as opiniões e atitudes do ser humano.

Na literatura não é difícil encontrar sociedades que são fortemente induzidas a agir perante ao que é mostrado na mídia de massa. No romance distópico *1984*, do autor George Orwell, é nítido o papel influenciador que a mídia desempenha na sociedade fictícia. No livro, contemplamos uma nação controlada por um sistema de teletelas que atende aos interesses do seu líder e dos membros do Partido Interno. As teletelas estavam por toda parte e, ao passo que vigiavam a todos, realizavam uma doutrinação massiva que enfatizava o poder de uma figura fictícia criada pela propaganda oficial: o Grande Irmão.

Semelhantemente a como acontece no livro *1984*, o discurso transmitido para a população é construído a partir dos interesses das pessoas que detêm o poder discursivo, isto é, pelas “elites simbólicas” (VAN DIJK, 2008). O autor afirma que é primordial que aqueles que estão no poder controlem o discurso veiculado em massa e, conseqüentemente, as mentes dos indivíduos. Esse aspecto da manipulação da mídia na sociedade fictícia de *1984* merece uma análise mais cuidadosa à luz dos estudos acerca das relações de poder estabelecidas através dos discursos, para que possamos compreender melhor a relação entre mídia e poder na sociedade representada na obra sob análise.

No caso deste estudo, buscamos responder o seguinte questionamento: Como ocorre a relação entre mídia e poder na sociedade do livro *1984*? Quais as principais implicações dessa relação naquela sociedade? Para tanto, estabelecemos o objetivo geral de analisar a relação entre mídia e poder na sociedade do livro *1984*, do autor George Orwell. Especificamente, pretende-se (i) evidenciar definições e características dos regimes totalitários e sua busca pelo poder; (ii) apresentar e discutir conceitos da análise do discurso que podem auxiliar na compreensão do discurso midiático e totalitarista; e (iii) identificar e refletir sobre as conseqüências da relação entre mídia e poder na obra em questão. Nesse sentido, afirmamos a importância dessa pesquisa uma vez que permite usar a obra analisada, para ilustrar como os discursos transmitidos pela mídia podem informar incorretamente e/ou

manipular as pessoas, além de considerar que essa dominação discursiva ocorre atualmente e como a literatura, por vezes, é capaz de refletir esse jogo de dominação presente na nossa sociedade. Assim, acreditamos que a mídia é manipulada e bem como manipuladora e que essa manipulação dos fatos é responsável pelo controle da sociedade representada no romance *1984*.

O trabalho tem como principais fundamentos teóricos as concepções da filósofa política Hannah Arendt (1989), a fim de compreender as origens dos regimes totalitaristas e suas características; e as contribuições do historiador e crítico Michel Foucault (1999), que subsidia a pesquisa com contribuições acerca do modo de funcionamento do poder nas sociedades, como também, com as suas colaborações nos estudos do discurso. Outrossim, com o intuito de entender como o discurso influencia as ações das pessoas, utilizaremos as pesquisas sobre as relações de poder estabelecidas via discurso do linguista Teun A. van Dijk (2008).

2 PODER SILENCIOSO E A DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS

Com o surgimento da humanidade, surge também a necessidade de organização das sociedades, isto é, de sua forma de governo das mesmas. A maneira de governar as nações são definidas através dos regimes políticos, os quais podem ser classificados em dois grandes tipos: regimes políticos democráticos e autoritários. Estes últimos são caracterizados pela concentração de poder por parte de uma única pessoa, geralmente chamado de líder da nação. Esse sistema político fundamenta-se no controle absoluto de todos os aspectos da vida pública e privada da população.

Os regimes autoritários se subdividem em regimes autocráticos e totalitários, sendo este último o foco da nossa pesquisa. Assim, são características essenciais do totalitarismo um Estado onipotente e onipresente, que atua em todas as instâncias na vida dos cidadãos, controlando a política, a economia, a educação e os demais setores da comunidade. A teórica alemã Hannah Arendt, em seu livro *Origens do Totalitarismo* (1989), define o regime totalitarista da seguinte maneira:

Os movimentos totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual. Essa exigência é feita pelos líderes dos movimentos totalitários mesmo antes de tomarem o poder e decorre da alegação, já contida em sua ideologia, de que a organização abrangerá, no devido tempo, toda a raça humana. Contudo, onde o governo totalitário não é preparado por um movimento totalitário (como foi o caso da Rússia em contraposição com a Alemanha nazista), o movimento tem de ser organizado depois, e as condições para o seu crescimento têm de ser artificialmente criadas de modo a possibilitar a lealdade total que é a base psicológica do domínio total (ARENDR, 1989, p. 372).

De acordo com essas características, a autora identifica dois movimentos totalitários, são eles: o Bolchevismo de Stalin e o Nazismo de Hitler; o primeiro ocorreu na União Soviética, a partir de 1930, quando, segundo a autora, de fato se consolidou; e o segundo aconteceu na Alemanha em 1933, com a chegada de Adolf Hitler ao poder. Considerando os custos humanos desses dois movimentos, causa perplexidade pensar que em pleno século XXI ainda exista regimes semelhantes aos citados acima, a exemplo da Coreia do Norte atualmente.

Para se estabelecer, os regimes totalitaristas se pautam em evidentes relações de poder. As relações de poder responsáveis pela formação dos indivíduos e as questões que envolvem a busca pelo poder são assuntos que o filósofo contemporâneo Michel Foucault (1926-1984) dedicou-se a estudar. Para tanto, em seu método genealógico, Foucault (1999) busca compreender a essência histórica de práticas, discursos e saberes específicos, vinculando tais origens com as relações de poder.

Durante a época clássica houve “uma descoberta do corpo como objeto e alvo do poder” (FOUCAULT, 1999, p. 163); assim, foram empregados métodos que permitem aumentar a produtividade econômica e utilitária das pessoas, ao passo que diminuem as forças políticas das mesmas (FOUCAULT, 1999). Em outras palavras, cria-se uma política de coerção sobre os corpos que visam tornar o corpo ativo economicamente – útil – ao passo que o torna também passivo politicamente – dócil. Segundo o teórico: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar, então, as ‘disciplinas’” (FOUCAULT, 1999, p. 164).

Portanto, as relações de poder não precisam envolver obrigatoriamente leis ou violência, ela envolve a normalização, técnicas que impõem normas contínuas para todos os indivíduos. As implicações do poder são mais eficientes na medida em que adquirem o máximo de utilidade e docilidade dos indivíduos; ou melhor, se alcança mais eficiência de poder ao fabricar corpos dóceis e úteis. Logo, conforme Foucault (1999), praticamente todas as instituições sociais são organizações disciplinadoras, como por exemplo as prisões, as igrejas, os meios de informação e até mesmo as escolas. Nas palavras do autor:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 1999, p. 164).

Desse modo, a noção de docilidade diz respeito a noção de corpo manipulável, isto é, corpos submissos e exercitados: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 1999, p. 163). Ainda sob a ótica Foucaultiana, os indivíduos se constituem por meio de práticas que são transmitidas via discursos contínuos e sistemáticos. Entretanto, o teórico (1999) discute sobre um poder produtivo que é mais eficiente do que o poder repressivo, sendo tal poder positivo construído a partir do discurso. Em suma, o poder disciplinar opera por meio do discurso

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para

reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo (FOUCAULT, 1999, p. 195).

Na literatura não é difícil encontrar cenários com as características elencadas por Arendt (1989) e Foucault (1999) quanto aos Estados totalitários, a corrida pelo poder e a disciplinarização da nação. Contudo, visto que o discurso é responsável por propagar e manipular o comportamento das pessoas, apresentaremos considerações a respeito da disciplina que tem por competência analisar o discurso.

2.1 Eis que surge o Discurso, uma ferramenta de manipulação

Com seu início na França, no final dos anos de 1960, a Análise do Discurso (AD) surgiu a partir da colaboração de três disciplinas: a Linguística, com a ideia de que a língua não é transparente; a Psicanálise, com seu objeto de estudo que é o inconsciente; e, o Marxismo, trazendo a noção de que o sujeito é afetado pela ideologia. E seus respectivos teóricos Ferdinand Saussure e, posteriormente, Althusser, Lacan, em uma releitura de Freud, e Pêcheux, a partir das concepções de Marx. No Brasil, a disciplina ganha destaque a partir das traduções e estudos de Eni Orlandi, conquistando seu espaço nas universidades e pesquisas acadêmicas.

Inicialmente, os estudos da AD tinham como *corpus* os discursos políticos e logo depois abriu espaço para outros objetos e materialidades, como os discursos culturais e do cotidiano. A partir de então, surgiram as pesquisas que abarcaram a materialidade linguística ao passo que tomam as condições de produção do discurso como fatores determinantes, nesse sentido, de acordo com Gregolin (1995, p. 18) “o discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico”.

Como o próprio nome sugere, a AD ocupa-se em estudar o discurso, concebendo-o como “um dos patamares do percurso de geração de sentido de um texto, o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu” (GREGOLIN, 1995, p. 17). Por sua vez, analisar o discurso significa estabelecer o contexto de produção do texto.

Dessa forma, conforme destaca Orlandi (1994, p. 8), “a análise do discurso introduz, na reflexão sobre a linguagem, o sujeito e a história (tomados pela ideologia)”; em outras palavras, pensar em AD consiste em incluir “o político e a ideologia como dimensões definidoras” (ORLANDI, 1994, p. 8). Por conseguinte, de acordo com Gregolin (1995) a ideologia é entendida como uma visão de mundo dominante de determinada classe dentro da sociedade, sendo a linguagem, ainda conforme o mesmo autor (1995), definida, em última instância, pela ideologia.

No entanto, nem sempre foi assim, apenas na década de 80, quando a disciplina passa por um processo de reformulação teórica, foram adicionadas concepções desenvolvidas pelo francês Michel Foucault, como é o caso do conceito de Formação Discursiva (FD), que alavancou a questão histórica. A definição de FD é posta pelo teórico da seguinte maneira:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* [...] (FOUCAULT, 2000, p. 43, grifos do autor).

Desse modo, compreende-se o discurso como um conjunto de enunciados na medida em que eles são oriundos da mesma formação discursiva. Na arte, a relação entre a literatura e a AD acontece por meio da linguagem e da história, uma vez que obras literárias estão vinculadas ao momento histórico de sua produção, interligando discurso, sujeito e história.

Finalmente, tomando como apoio a AD de vertente francesa, tendo em vista que não é nossa intenção o aprofundamento pleno nas categorias de análise contempladas pela AD, utilizaremos os conceitos dispostos pela disciplina como um auxílio para a pesquisa. Diante dessas considerações, veremos a seguir acerca do principal veículo reprodutor das relações de poder estabelecidas através do discurso.

2.1.1 Mídia, o fantoche da elite

Desde o surgimento da mídia, as informações passaram a ser propagadas em larga escala, possibilitando, assim, num curto período de tempo alcançar inúmeras pessoas. Nos dias atuais, o conteúdo midiático que é produzido em determinado país pode facilmente ser espalhado por todo o mundo em questão de minutos, e até segundos. A partir dessa expansão de informação e comunicação, a mídia fica, então, responsável por orientar os indivíduos na sociedade em que vivemos (OLIVEIRA, 2010).

De acordo com Oliveira (2010, p. 4), “a sociedade contemporânea exige que a opinião seja publicada, seja amplamente divulgada, o que é feito principalmente pelos meios de comunicação, como imprensa, rádio, televisão, internet”. Assim também, van Dijk (2008) argumenta que

A aquisição de conhecimento e a formação de opiniões sobre a maior parte dos eventos do mundo parecem basear-se largamente no discurso jornalístico presente na imprensa e na televisão, compartilhado diariamente por milhões de pessoas. Provavelmente, nenhum outro tipo de discurso é tão penetrante e tão compartilhado e lido por tantas pessoas de maneira mais ou menos simultânea. Seu poder potencial, então, é enorme e uma observação minuciosa dos esquemas, assuntos e estilo das matérias jornalísticas é, portanto, crucial para compreendermos o exercício do poder político, econômico, social e cultural, além da comunicação e da aquisição de ideologias que lhe dão apoio (VAN DIJK, 2008, p. 77).

Com isso, a mídia conquistou o seu papel como principal disseminadora de um padrão de representação social; sendo, pois, a dominação discursiva uma estratégia para adquirir tamanha influência. Acredita-se, no entanto, que estas afirmações são consequências de uma manipulação que está sendo realizada desde o surgimento da mídia. O teórico van Dijk (2008) confirma que, se a manipulação afeta a formação dos modelos mentais, a manipulação discursiva “é o controle das representações sociais compartilhadas por grupos de pessoas, tendo em vista que essas crenças sociais, por sua vez, controlam o que as pessoas fazem e dizem [...]” (VAN DIJK, 2008, p. 247).

Ao tratar das relações de poder estabelecidas via discurso, van Dijk (2008, p. 235) distingue persuasão de manipulação e ressalta que a diferença, neste caso, é que a persuasão faz uso de argumentos que podem ou não serem aceitos pelos receptores, que são livres para agir como lhes convier. Já no segundo caso, os interlocutores são vítimas da manipulação, isto acontece devido ao fato dos ouvintes

serem incapazes de enxergarem as reais intenções do manipulador, ou ainda por não compreenderem as consequências de suas crenças e ações.

Dessa maneira, a manipulação possui associações negativas devido ao fato de o manipulador exercer “controle sobre outras pessoas, normalmente contra a vontade e interesse delas” (VAN DIJK, 2008, p. 234). Assim, “manipulação é *ruim* porque é uma prática que viola as normas sociais” (*Ibidem*, p. 234). Nas concepções van Dijkianas:

A manipulação envolve não apenas poder, mas especificamente *abuso* de poder, ou seja, *dominação*. Mais especificamente, a manipulação implica o exercício de uma forma de influência *deslegitimada* por meio do discurso: os manipuladores fazem os outros acreditarem ou fazerem coisas que são do interesse do manipulador, e contra os interesses dos manipulados (VAN DIJK, 2008, p. 234 – grifos do autor).

Historicamente, a mídia está ligada às elites; por mídia entende-se jornais impressos, rádio, televisão e internet, visto que apenas uma parcela da população tinha condições financeiras de adquirir os jornais, e posteriormente os outros meios midiáticos, além de que poucas pessoas eram alfabetizadas. O teórico van Dijk (2008) denomina essas pessoas que têm acesso privilegiado aos discursos públicos de elites simbólicas, que podem ser políticos, jornalistas, escritores, professores e todos os outros que, de alguma maneira, influenciam o discurso público.

Não obstante, van Dijk (2008) declara que o abuso do poder discursivo ocorre por parte das elites simbólicas, que manipulam as informações conforme os seus próprios interesses. Por isso, o linguista argumenta sobre o que ele chama de “abordagem triangular”:

a manipulação é um fenômeno social – especialmente porque ela envolve interação e abuso de poder entre grupos e atores sociais – é um fenômeno cognitivo, porque a manipulação sempre implica a manipulação de mentes dos participantes, e é um fenômeno discursivo-semiótico, porque a manipulação é exercida através da escrita, da fala e das mensagens visuais (VAN DIJK, 2008, p. 236).

O estudioso considera que com as três abordagens aliadas é possível estabelecer as diferentes formas de manipulação. Ademais, identifica-se que a mídia de massa é uma das formas mais influentes de discurso público (VAN DIJK, 2008), sendo, pois, um poderoso veículo para a disseminação do enunciado manipulador. Assim, por buscar compreender o discurso midiático de regimes totalitaristas, entende-se a propaganda como um poderoso mecanismo formador de opiniões.

Posto isso, a filósofa Arendt (1989) argumenta que o principal instrumento dos movimentos totalitários é a propaganda. Conforme a autora, para aqueles que lutam pelo poder, é necessário convencer as massas por meio da propaganda, que é um elemento gerador de pânico - característica primordial dessa forma de governo. Nas palavras de Arendt (1989, p. 390): “Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda”.

Além disso, alicerçados no pensamento de Edward Bernays (1928) no que concerne à propaganda, conceber-se-á como mecanismo que pode moldar o pensamento e o comportamento da população; o teórico utiliza o termo “engenharia do consentimento” para definir o que é propaganda. Assim, ainda de acordo com o mesmo, a propaganda é um meio de formação e manipulação da opinião em massa sendo, pois, indispensável na sociedade moderna (BERNAYS, 1928, p. 26). É por meio deste mecanismo que ideias, sejam elas crenças ou doutrinas específicas, são disseminadas em larga escala. Tendo em vista que, na organização social atual, a

aprovação do público é essencial para qualquer grande empresa, dessa maneira, a propaganda moderna torna-se um veículo influenciador das relações do público com alguma política, empresa, ideia ou grupo. Podemos ver, conforme o mesmo autor, a influência que a propaganda detém:

Hoje, no entanto, uma reação ocorreu. A minoria descobriu uma ajuda poderosa para influenciar as maiorias. Verificou-se ser possível moldar a mente das massas para que elas lancem sua força recém-adquirida na direção desejada. Na atual estrutura da sociedade, essa prática é inevitável. Qualquer que seja a importância social hoje em dia, seja na política, finanças, manufatura, agricultura, caridade, educação ou outros campos, deve ser feito com a ajuda da propaganda. A propaganda é o braço executivo do governo invisível (BERNAYS, 1928, p. 19, tradução nossa¹).

Desse modo, a propaganda é utilizada como ferramenta para mudar a forma dos indivíduos de pensar sobre o mundo e ganhar a aprovação da sociedade (BERNAYS, 1928). Assim também, é possível encontrar esse cenário na literatura, como é o caso da propaganda oficial que consolidava o partido do Grande Irmão, no livro de Orwell, *1984*.

Posto isso, no capítulo seguinte analisaremos como ocorre a relação entre a mídia e o poder presentes na sociedade do livro *1984*, com o intuito de compreender as consequências dessa relação para aquela sociedade.

3 A manipulação da mídia como força motriz do controle social em 1984

O livro *1984*, escrito por Eric Arthur Blair, mais conhecido pelo pseudônimo de George Orwell, é um romance distópico escrito em 1948 e publicado um ano depois, em 1949. A publicação foi um sucesso de vendas e o livro foi traduzido em 65 países, tornou-se filme e minissérie, inspirou quadrinhos, mangás, além do famoso *reality show* conhecido mundialmente *Big Brother* e até uma ópera. Hoje, 72 anos depois, a obra de Orwell continua atemporal ao mesmo tempo que soa profética.

A narrativa apresenta a história de Winston Smith, londrino de 39 anos de idade, membro do Partido Externo, o protagonista trabalha para o Ministério da Verdade, cuja função é a alteração de documentos e literaturas que possam servir de referência ao passado, “redivulgando-as” de acordo com os interesses do Estado, desse modo o partido segue infalível em suas afirmações. O herói Winston, juntamente com a sua amada Júlia, desafiam a sociedade totalitária em que vivem. A história tem como cenário Londres, a partir das potências fictícias da Oceânia, Eurásia e Lestásia, que vivem em constante tensão em busca de expansão territorialista. Na verdade, a tensão entre as três potências advém da necessidade de fazer-se presente um estado de guerra, que auxilia na manutenção do poder e mantém a população psicologicamente em controle.

O romance expõe o totalitarismo e o controle constante da sociedade, implementado pelo Partido Socialista Inglês, *IngSoc* em novíngua – ou novafala,

¹ No original: “Today, however, a reaction has set in. The minority has discovered a powerful help in influencing majorities. It has been found possible so to mold the mind of the masses that they will throw their newly gained strength in the desired direction. In the present structure of society, this practice is inevitable. Whatever of social importance is done today, whether in politics, finance, manufacture, agriculture, charity, education, or other fields must be done with the help of propaganda. Propaganda is the executive arm of the invisible government.” (BERNAYS, 1928, p. 19).

idioma imaginário instituído pelo governo da Oceânia. Ademais, é retratado o cotidiano de um regime político totalitário e repressivo, controlados pela figura fictícia do Grande Irmão que foi criada pela propaganda oficial para auxiliar na eliminação de todo pensamento independente.

A estrutura social é dividida em três camadas e tem no topo o Grande Irmão (GI), abaixo dele o Partido Interno (PI), logo depois o Partido Externo (PE) e, por fim, os Proles. Assim, o Estado mantém o controle da população submetendo os membros do PE a duradouras horas de trabalho, a vigilância integral sob as telas, Dois Minutos de Ódio, dedicados a insultos dirigidos a figura de Goldstein que é o maior inimigo do Partido e Polícia do Pensamento. Os Proles, que representavam 85% da população, não representavam perigo e por isso não necessitavam de vigilância constante.

Winston e Júlia, se envolveram com O'Brien, membro do PI, e acreditando que ele fosse um conspirador lhe confessaram "crimes" sem saber que eram vigiados pelo mesmo. Smith foi capturado, torturado e condicionado por O'Brien a praticar o *duplipensamento*, termo que merece destaque em um momento futuro do texto, no entanto, ele resistira e continuava odiando o GI e amando a Júlia. Winston precisava ser 'curado' e foi levado a Sala 101, onde os castigos eram personalizados. Ao se deparar com ratazanas prestes a devorar-lhe a face, Winston suplica para que coloquem Júlia naquela situação. Desse modo, Winston Smith foi condicionado a amar apenas o GI e conquistou a 'liberdade'.

A opressão era física e mental, cartazes com o rosto do GI encontravam-se espalhados por toda a Oceânia, com a seguinte frase "O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ" (ORWELL, 2009, p. 12). O slogan do Partido (*Guerra é Paz, Liberdade é escravidão e Ignorância é força*) e o rosto do GI estavam estampados em todos os produtos consumidos pela população. Nas prateleiras dos supermercados, os produtos também tinham essa característica, como se tudo o que a população consumisse pertencesse ao Partido. A todo momento os indivíduos se deparam com a realidade em que estão inseridos totalmente controlada pelo Socing:

Tirou do bolso uma moeda de vinte e cinco centavos. Ali também, em letras minúsculas e precisas, estavam inscritos os mesmos slogans, e do outro lado da moeda via-se a cabeça do Grande Irmão. Até na moeda os olhos perseguiam a pessoa. Nas moedas, nos selos, nas capas dos livros, em bandeiras, em cartazes e nas embalagens dos maços de cigarro – em toda parte. Sempre aqueles olhos observando a pessoa e a voz a envolvê-la. Dormindo ou acordada, trabalhando ou comendo, dentro ou fora de casa, no banho ou na cama – não havia saída. Com exceção dos poucos centímetros que cada um possuía dentro do crânio, ninguém tinha nada de seu (ORWELL, 2009, p. 38).

A propaganda empregada pelo Partido totalitário exerce uma forte influência na formação da opinião dos habitantes em Oceânia. A filósofa Arendt (1989), argumenta que a propaganda é o principal instrumento do totalitarismo, sendo um meio de conquistar as massas. Nas palavras da teórica "Nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda" (ARENDR, 1989, p. 390), isso porque em um governo onde existe a 'liberdade de opinião', como é o caso do Socing, em que 'não' havia leis, o terror só pode ser usado até certo ponto, e a propaganda aparece como um meio orientador de opiniões plausível aos olhos do público.

Assim, a imagem do GI espalhada nos cartazes e o slogan do Partido fazem parte de uma das maneiras pelas quais a propaganda totalitária, que é o foco desta

pesquisa, é disseminada no romance. De acordo com o teórico van Dijk (2008), características específicas de texto e fala e bem como a representação visual, são estratégias que ativam a memória de curto prazo do leitor, fazendo com que o mesmo preste mais atenção em determinadas informações do que em outras:

[...] ao imprimir parte do texto em uma posição saliente (por exemplo, no topo) em fontes grandes ou em negrito, esses dispositivos atrairão mais atenção e, conseqüentemente, serão processados com recursos extras de tempo ou memória, como é o caso das manchetes, títulos ou *slogans* publicitários – assim contribuindo para um processamento mais detalhado e para uma melhor representação e lembrança (van Dijk, 2008, p. 241).

A segunda forma de reprodução propagandista, inclui os discursos dos membros do PI e do GI, dos Dois Minutos de Ódio, da Semana do Ódio e durante as execuções dos traidores. No livro, os discursos dos membros internos do Partido eram feitos principalmente durante as execuções dos indivíduos acusados de trair o Soving, e também ocorriam uma vez por mês ou durante a Semana do Ódio.

Em um determinado momento do dia, a nação Oceânica interrompe seus afazeres e se dirige a um ginásio onde ocorrem os Dois Minutos de Ódio. Na ocasião, todos devem dirigir xingamentos ininterruptamente à figura de Emmanuel Goldstein, maior inimigo do Partido. Além do ritual dos Dois Minutos de Ódio que acontecia diariamente, acompanha-se os preparativos para a Semana do Ódio. Todos os membros do PE trabalharam incansavelmente para a realização desse evento: “era preciso organizar tudo; era preciso construir estandes e imagens, criar slogans, compor músicas, fazer circular boatos, forjar fotografias” (ORWELL, 2009, p. 178). Tudo isso ao som da canção-tema da Semana do Ódio, que era transmitida ininterruptamente pelas teletelas, sendo a ‘Canção do Ódio’ descrita como:

Tinha um ritmo selvagem, que lembrava latidos e que não podia exatamente ser chamada de música, assemelhando-se à batida de um tambor. Rugida, mais que cantada, por centenas de vozes ao som de pés em marcha, era aterrorizante (ORWELL, 2009, p. 178).

Nesse sentido, é possível observar como o discurso age sobre os corpos das pessoas, na medida em que os membros do PI ou o GI discursam durante os eventos, contempla-se uma nação que é incitada ao ódio por qualquer faísca de pensamento que possa contestar a filosofia do Soving. Winston relata como os discursos eram capazes de estimular um sentimento negativo nos espectadores:

O mais horrível dos Dois Minutos de Ódio não era o fato de a pessoa ser obrigada a desempenhar um papel, mas de ser impossível manter-se à margem. Depois de trinta segundos, já não era preciso fingir. Um êxtase horrendo de medo e sentimento de vingança, um desejo de matar, de torturar, de afundar rostos com uma marreta, parecia circular pela plateia inteira como uma corrente elétrica, transformando as pessoas, mesmo contra sua vontade, em malucos a berrar, rostos deformados pela fúria (ORWELL, 2009, p. 25).

No trecho acima, percebe-se como as pessoas eram influenciadas através dos discursos elaborados com o propósito de instaurar tais sentimentos e ações. É notável o quão contagiante as palavras, sons e imagens reproduzidas pelas teletelas convertiam-se em medo e raiva, como se fossem atingidos por uma onda de emoções.

Além disso, os discursos provocavam um jogo de amor e ódio nos indivíduos, pois, ao passo que a nação deveria ter aversão a pensamentos contra o Partido, havia determinados momentos em que a população deveria demonstrar gratidão e amor o GI. Percebe-se, então, como o discurso é utilizado como estratégia fundamental para persuadir a nação em prol da crença total no partido.

Com o surgimento da imprensa, o processo de manipulação da opinião pública tornou-se mais eficaz (BERNAYS, 1928, p. 12). Neste sentido, podemos observar que no romance, o desenvolvimento do aparelho televisor possibilitou a recepção e a transmissão de informações em tempo real, como pode ser observado no excerto abaixo:

Todos os cidadãos, ou pelo menos todos os cidadãos suficientemente importantes para justificar a vigilância, podiam ser mantidos vinte e quatro horas por dia sob os olhos da polícia, ouvindo a propaganda oficial, com todos os outros canais de comunicação fechados. A possibilidade de obrigar todos os cidadãos a observar estrita obediência às determinações do Estado e completa uniformidade de opinião sobre todos os assuntos existia pela primeira vez (ORWELL, 2009, p. 243).

Dessa forma, a terceira maneira de veiculação das propagandas ilusórias são os anúncios transmitidos pelas teletelas, espécie de televisor, colocados em lugares estratégicos por toda a cidade e nas casas possibilitando observar a todos inclusive enquanto dormiam. As teletelas não podiam ser desligadas e, ao mesmo tempo em que vigiavam a todos, faziam uma propaganda massiva sobre supostas melhorias no bem-estar da população no decorrer do governo do Grande Irmão:

Noite e dia as teletelas massacraram os ouvidos das pessoas com estatísticas que provam que hoje a população tinha mais comida, mais roupa, melhores casas, melhores opções de lazer - que vivia mais, trabalhava menos, era mais alta, mais saudável, mais forte, mais feliz, mais inteligente, mais culta do que as pessoas de cinquenta anos antes. Não havia como provar ou deixar de provar uma só dessas afirmações (ORWELL, 2009, p. 94).

Sob o ponto de vista de Arendt, é comum que em partidos totalitários o ato de pressupor acontecimentos ocorra rotineiramente: “A principal qualificação de um líder de massas é a sua infinita infalibilidade; jamais pode admitir que errou” (ARENDR, 1989, p. 389). Ademais, ela esclarece que “uma vez no poder, os líderes da massa cuidam de algo que está acima de quaisquer considerações utilitárias: fazer com que as suas predições se tornem verdadeiras” (*Ibidem*, p. 389). Isso se dá, sobretudo, pelo controle das mídias.

Posto que as propagandas são fundamentadas em dados e pesquisas, como podem ser sujeitas a contestações e dúvidas? Arendt (1989) explica que o cientificismo atribuído às propagandas totalitárias trata-se apenas de um substituto do poder. Nas palavras da estudiosa:

A forte ênfase que a propaganda totalitária dá à natureza "científica" das suas afirmações tem sido comparada a certas técnicas publicitárias igualmente dirigidas às massas. De fato, os anúncios mostram o "cientificismo" com que um fabricante "comprova" — com fatos, algarismos e o auxílio de um departamento de "pesquisa" — que o seu "sabonete é o melhor do mundo" (ARENDR, 1989, p. 394, grifos da autora).

Desse modo, atenta-se ao fato de que as informações que são veiculadas de diferentes formas pela mídia são controladas pelas “elites simbólicas”, que na obra

são representadas pelos membros internos do partido, na figura do GI. Assim, constata-se que trata de um jogo de manipulação, onde as informações são manipuladas com o intuito de manipular seus interlocutores, ou seja, os membros do PE.

Segundo van Dijk (2008, p. 234), “a manipulação é uma prática comunicativa e interacional na qual um manipulador exerce controle sobre outras pessoas, normalmente contra a vontade e interesse delas”. Portanto, manipulação é ruim uma vez que ela viola as normas sociais. O teórico triangula as abordagens social, cognitiva e discursiva que combinadas tornam possível estabelecer as diferentes formas de manipulação:

a manipulação é um fenômeno social – especialmente porque ela envolve interação e abuso de poder entre grupos e atores sociais – é um fenômeno cognitivo, porque a manipulação sempre implica a manipulação de mentes dos participantes, e é um fenômeno discursivo-semiótico, porque a manipulação é exercida através da escrita, da fala e das mensagens visuais (VAN DIJK, 2008, p. 236).

Na literatura em questão é possível notar que a manipulação ocorre a partir da articulação desses três pontos. Observa-se a manipulação enquanto fenômeno social, posto que o livro apresenta uma nação orientada pelos interesses de um único líder, o GI. O segundo ponto, cognitivo, é possível perceber uma vez que a todo momento os cidadãos de Oceânia são manipulados através de suas crenças, conhecimentos, suas opiniões e ideologias, ou seja, suas mentes.

Por fim, a manipulação encontra-se como um fenômeno discursivo-semiótico dado que ocorre um abuso de dominação discursiva, cujo objetivo geral é o “controle das representações sociais compartilhadas por grupo de pessoas”, já que essas crenças sociais regem o que as pessoas fazem e dizem (VAN DIJK, 2008, p. 247). Desse modo, na obra o Partido implementa um idioma oficial chamado de Novilíngua ou Novafala. Originário do Inglês, a Novafala foi criada para atender às necessidades do Socing. Tinha como objetivo ser um meio de expressão que se enquadrasse na visão de mundo e hábitos mentais do Partido, mas, especialmente, buscava inviabilizar todas as outras formas de pensamento. Assim, na medida em que os pensamentos precisam de palavras para serem formulados, ideias que divergissem das ideologias do Socialismo Inglês seriam literalmente impensáveis.

A ideia era que, uma vez definitivamente adotada a Novafala e esquecida a Velhafala, um pensamento herege — isto é, um pensamento que divergissem dos princípios do Socing — fosse literalmente impensável, ao menos na medida em que pensamentos dependem de palavras para ser formulados. O vocabulário da Novafala foi elaborado de modo a conferir expressão exata, e amiúde muito sutil, a todos os significados que um membro do Partido pudesse querer apropriadamente transmitir, ao mesmo tempo que excluía todos os demais significados e inclusive a possibilidade de a pessoa chegar a eles por meios indiretos. Para tanto, recorreu-se à criação de novos vocábulos e, sobretudo, à eliminação de vocábulos indesejáveis, bem como à subtração de significados heréticos e, até onde fosse possível, de todo e qualquer significado secundário que os vocábulos remanescentes porventura exibissem (ORWELL, 2019, p. 370).

Assim, o governo controlaria a capacidade de pensamento da população através da restrição da linguagem, que impossibilita o raciocínio por se tratar de uma língua limitada. Nesse ponto, a ideologia, que conforme Gregolin (1995) é entendida como uma visão de mundo dominante, promovida por determinada classe dentro da

sociedade, contribui, em última instância, para a definição da linguagem. Na literatura também é possível observar essa colocação, em 1984, a ideologia do Socing é determinadora da Novafala, que foi concebida para restringir os pensamentos.

Palavras como *rostocrime*, que significa mostrar uma expressão inadequada em determinadas situações, como, por exemplo, parecer incrédulo no momento em que uma conquista era anunciada. *Pensamento-crime*, qualquer pensamento que divergisse minimamente da ideologia do líder governante. Como afirmou Winston, pensar em desafiar o Partido significava estar morto em algum tempo. *Duplipensamento*, capacidade de acreditar em duas crenças simultaneamente, por exemplo acreditar num sistema astronômico dual, que a Terra é o centro do universo e ao mesmo tempo que a Terra gira em torno do Sol.

Nesse sentido, os próprios nomes dos Ministérios em 1984 são exemplos do *duplipensamento*. O aparato governamental de Oceânia era composto por quatro Ministérios:

O Ministério da Verdade, responsável por notícias, entretenimento, educação e belas-artes. O Ministério da Paz, responsável pela guerra. O Ministério do Amor, ao qual cabia manter a lei e a ordem. E o Ministério da Pujança, responsável pelas questões econômicas. Seus nomes, em Novafala: Miniver, Minipaz, Miniamor e Minipuja (ORWELL, 2009, p. 15).

No entanto, os Ministérios tratam de assuntos opostos as suas nomenclaturas. O Ministério da verdade é responsável pela falsificação de documentos e literaturas que podem fazer referência ao passado. O Ministério da Paz promove e mantém a guerra; ora contra a Lestásia, ora contra a Eurásia. O Ministério da Pujança é responsável por fazer com que a população acredite na fartura enquanto passam fome. E, o Ministério do Amor tem a função de controlar, espionar e torturar até que as pessoas sejam ‘curadas’ ou mortas.

Ademais, o protagonista Winston Smith trabalha no Ministério da Verdade, dessa maneira, o leitor acompanha detalhadamente como ocorriam as alterações dos documentos e literaturas oficiais. É mostrado como o passado era alterado, dando espaço a uma nova história conforme os interesses do Partido.

Esse processo de alteração contínua valia não apenas para jornais como também para livros, periódicos, panfletos, cartazes, folhetos, filmes, trilhas sonoras, desenhos animados, fotos - enfim, para todo tipo de literatura ou documentação que pudesse vir a ter um significado político ou ideológico. Dia a dia e quase minuto a minuto o passado era atualizado. Desse modo era possível comprovar com evidências documentais que todas as previsões feitas pelo Partido haviam sido acertadas; sendo que, simultaneamente, todo vestígio de notícia ou manifestação de opinião conflitante com as necessidades do momento eram eliminados. A história não passava de um palimpsesto, raspado e reescrito tantas vezes quantas fosse necessário. Uma vez executado o serviço, era absolutamente impossível provar a ocorrência de qualquer tipo de falsificação (ORWELL, 2009, p. 54).

Neste trecho, a ideia de um contínuo palimpsesto traz à tona como as relações de poder eram conduzidas na obra. Os ideais do Socing eram impostos como verdade absoluta e inquestionável. Portanto, visto que o discurso público é o lugar onde o poder societal se reproduz, conclui-se que o discurso público é o lugar privilegiado para a manipulação discursiva. Van Dijk (2008) acrescenta que a manipulação compreende abuso de poder, uma vez que ela se distingue da persuasão, pois na persuasão o indivíduo é livre para fazer escolhas enquanto na

manipulação as escolhas são impostas a ele. A manipulação envolve dominação e os indivíduos são vítimas dos interesses do manipulador, assim como na obra, os membros do PE e os Proles são vítimas da dominação do GI e dos membros internos do Partido.

Diante disso, pode-se observar como as teletelas são parte fundamental desse processo de manipulação no romance, visto que desempenham o papel de mecanismo de transmissão do discurso de maneira pública, ou seja, representam a função da mídia enquanto um dos principais meios desse discurso manipulador.

Além disso, em um estudo publicado e patenteado pelo governo americano, percebe-se que monitores de televisão e de computador podem afetar as ondas cerebrais sem a necessidade de ocorrer um contato direto. Assim, quando em contato com a frequência emitida através da pulsação de imagens que estão sendo mostradas numa determinada amplitude pode acontecer estímulos e reações no indivíduo. A pesquisa esclarece que:

Monitores de computador e monitores de TV podem ser feitos para emitir campos eletromagnéticos fracos de baixa frequência apenas pelo pulsar da intensidade das imagens exibidas. Experimentos mostraram que a ressonância sensorial de 72 HZ pode ser excitada desta maneira em um sujeito próximo ao monitor. A ressonância sensorial 2.4 HZ também pode ser excitada desta forma² (LOOS, 2003, p. 12, tradução nossa).

Em conclusão, a pesquisa realizada por Loos (2003, p. 12) afirma que monitores, de televisões e de computadores, podem ser usados para a manipulação do sistema nervoso das pessoas que estão próximas aos aparelhos.

No livro, as teletelas fazem esse papel de veiculação das propagandas em massa e nunca eram desligadas. Assim, podemos dizer que os membros do PE eram manipulados não apenas a partir do conteúdo que é mostrado, mas também através da frequência emitida pelas ondas eletromagnéticas, que não podem ser enxergadas a olho nu.

Posto isso, observa-se que as estratégias utilizadas pelo governo oceânico são elaboradas com o intuito de contribuir para direcionar a população a agir e a pensar de acordo com os interesses do partido dominante. Na obra de Orwell, os mecanismos usados através das propagandas que eram veiculadas pela mídia colaboravam para fabricar opiniões conforme a vontade do GI.

Para Foucault (1999) tais estratégias de coerção sobre os corpos são denominadas de disciplinas. Segundo ele, a disciplina dissocia o poder do corpo, assim, “a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (*Ibidem*, p. 165). Isso significa que, as técnicas de coerção utilizadas pelo Socing contribuem para tornar a população alienada e fora da política, ou seja, tornar os corpos dóceis e úteis.

Assim sendo, no romance em questão, as disciplinas tornaram-se fórmulas de adestramento que contribuem para a dominação societal. Foucault explica que o poder disciplinar atua, sobretudo, como um poder produtivo:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para

² No original: Computer monitors and TV monitors can be made to emit weak low-frequency electromagnetic fields merely by pulsing the intensity of displayed images. Experiments have shown that the 72 HZ Sensory resonance can be excited in this manner in a Subject near the monitor. The 2.4 HZ Sensory resonance can also be excited in this fashion (LOOS, 2003, p. 12).

retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo (FOUCAULT, 1999, p. 195).

Salienta-se que os conceitos sobre poder para Foucault e para Orwell se diferenciam, pois para Foucault o poder trata-se de uma forma positiva, onde obtém-se mais produção ao invés de repressão, enquanto o poder orwelliano é repressor, pertence a um só líder que é controlador e totalitário.

Portanto, a relação entre mídia e poder na sociedade do livro *1984* ocorre a partir do poder disciplinar imposto sobre os corpos, como também da manipulação realizada por meio do discurso público veiculado pela mídia, que é manipulada ao passo que objetiva manipular as mentes dos indivíduos que fazem parte da sociedade de Orwell.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel desempenhado pela mídia em *1984* tem uma relevante contribuição no desenrolar das ações das personagens. Através de propagandas e discursos, ambos elaborados com finalidades específicas de manutenção do poder do Partido, contemplamos uma nação controlada e manipulada em todos os aspectos da vida pública e privada.

A manipulação propagandística estabelecida pelo PI e pelo GI, a partir dos discursos que são apresentados no romance como técnicas fundamentais para a conversão e crença total ao partido, corrobora para o consentimento de imposição de ideologias e a fabricação de opiniões. Além disso, observa-se uma nação que é controlada não apenas através das notícias que geram o medo e regem o comportamental dos indivíduos, mas através das frequências lançadas para a população, que conforme Loos (2003) são capazes de manipular o cérebro, deixando a população de *1984* numa espécie de transe.

O livro *1984* nos mostra um cenário de controle dos seres humanos, em que o sentido individual entre a realidade e a ficção é manipulado e distorcido. O texto literário trata-se de um reflexo da sociedade, faz parte da realidade como também atua nela. Na obra de Orwell, o leitor acompanha uma nação vivendo em uma grande mentira reiterada pela mídia, neste sentido, trata-se uma das maneiras em que o artista encontrou de representar problemas do nosso mundo, da ordem do real, na ordem literária.

A literatura de Orwell nos alerta para a semelhança entre as sociedades de seu livro e a que vivemos atualmente, em que a mídia tem um grande papel de vigilância governamental e manipulação da opinião pública, a exemplo das redes sociais e as *fake news*. A pesquisa nos deixa o seguinte questionamento: será que o livro *1984* foi escrito para preparar o psicológico para o sistema futuro que viria meio século depois?

Desse modo, ao refletir no que podemos fazer para combater esse governo invisível que atua por meio do controle das mídias, pensamos que o distanciamento das redes sociais que nos monitoram constantemente é um caminho para combater a vigilância frequente. Além disso, entender que a propaganda opera como um meio de conduzir a população a agir e a pensar segundo interesses das elites simbólicas pode ser uma forma de driblar as *fake news* que nos rodeiam a todo momento, e de compreender que grande parte do que é mostrado na mídia de massa equivale a propaganda e tem um propósito maior do que é mostrado superficialmente.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, H. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BERNAYS, E. **Propaganda**. Nova York: Liveright, 1928.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GREGOLIN, M. R. V. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa**, São Paulo, v. 39, p. 13-21, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3967/3642>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

LOOS, H. G. **Nervous system manipulation by eletromagnetic fields from monitors**. United States Patent. Depositante: Hendricus G. Loos. US n. 6,506,148, B2. Depositório: 1. jun. 2001. Concessão: 14 jan. 2003. Disponível em: <<https://patents.google.com/patent/US6506148B2/en>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

OLIVEIRA, D. A mídia e a manipulação da opinião: um casamento amigável? **Entremeios**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2010.

ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de Leitura: da História no Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

ORWELL, G. **1984**. Tradução de Alexandre Hubner & Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.